

## Nota de apresentação

O trabalho prolongado que o investigador desenvolve numa biblioteca obriga, por vezes, a estados de fixação intensa e obsidiante. Nessa fase, tantas vezes dominada pela angústia e pela necessidade imperativa de cumprir prazos, a ajuda do bibliotecário converte-se em algo de providencial, quer fazendo luz na selva escura dos catálogos, quer lembrando a pista esquecida que tudo esclarece.

Para além da sua área de qualificação profissional, os bibliotecários não têm possibilidade de dominar os assuntos específicos que interessam aos utentes; mas, por vocação e pela força das circunstâncias, possuem um conhecimento e uma curiosidade abrangentes. Em tempo de intensa especialização, esse saber multidisciplinar torna-se ainda mais precioso.

Para além dos bibliotecários que acolhem diretamente os leitores, há ainda outros que estes não chegam a conhecer mas de cujo trabalho muito beneficiam. Falo daqueles que se dedicam à catalogação e indexação, desde logo. A esses deve o pesquisador pelo menos tanto como deve ao bibliotecário com quem fala diretamente. Afinal, é do seu zelo e do seu saber que depende a boa identificação e a integral acessibilidade do documento. Em regime de verdadeiro anonimato, trabalham ainda na biblioteca outras pessoas decisivas: os que arrumam os livros e as publicações periódicas, os vigilantes, as pessoas que mantêm os espaços limpos, os técnicos que se encarregam das reproduções, os que zelam pela operacionalidade logística, os funcionários administrativos. Basta que se verifique uma quebra

significativa num destes sectores para que fique comprometida a eficiência geral.

Com uma qualificação tão exigente e com uma vocação tão altruísta, o bibliotecário deveria beneficiar do reconhecimento geral: estudantes, professores e órgãos de governo da Universidade. Em Coimbra, concretamente, onde, por força de uma história institucional ímpar no país se encontram bibliotecas riquíssimas e onde, durante decénios, esteve sediado o único curso de bibliotecários e arquivistas existente em Portugal, continuam a existir encorajantes sinais de gratidão para com os bibliotecários. Não são poucos os investigadores que lhes agradecem no preâmbulo das suas teses, por exemplo. Mas não é certo que essa atitude se mantenha. Os sinais de despreço pelo livro enquanto objeto de cultura associam-se, por todo o lado, a indicadores de desvalorização do trabalho intelectual personalizado e original. Em vez dele, ganha vantagem a informação produzida, recolhida e elaborada de forma anónima e negligente. Se esta tendência vier a prevalecer, estará em causa um modelo global de relacionamento com a informação e uma forma de construir e de coligir conhecimento. E, pela primeira vez, desde há séculos, estará igualmente em questão a importância do bibliotecário enquanto parte importante desse mesmo modelo. Nesse sentido, para além de todos os desafios que resultam da sua missão convencional, quem hoje trabalha numa biblioteca universitária enfrenta desafios de outra ordem. O maior de todos é seguramente o de persistir em estimular um procedimento que está a cair em desuso: ler livros. O conforto que resta aos bibliotecários é o de saberem que estão do lado certo: o do combate pela pesquisa intelectual séria, consequente e emancipadora do ponto de vista humano.

Mas se ajudar quem investiga constitui, já por si, um trabalho de enorme utilidade, não pode esquecer-se que os bibliotecários podem ser, eles próprios, também investigadores. De alguma maneira, foram-no sempre. A sua proximidade com os documentos e também

o contacto assíduo com académicos de muitos quadrantes favorecem o surgimento de uma curiosidade espontânea e continuada. Em geral, o bibliotecário é também ele um leitor perseverante, que se deixa atrair por muitas matérias. A ponto de, em alguns casos, poder assumir-se também como interlocutor ocasional e descomprometido do investigador. Para além de todos os assuntos dos quais pode aproximar-se, por gosto mais ou menos diletante, existem alguns que estão seguramente no centro das suas atenções. Quem trabalha numa biblioteca patrimonial como é o caso da maioria das bibliotecas da Universidade de Coimbra, não pode deixar de se interessar pela sua história, desde logo, tantas vezes associada à história da Universidade no seu todo e ao papel que nela desempenhou o livro enquanto repositório do saber transmitido.

Um outro domínio que está permanentemente inscrito nas preocupações de quem trabalha numa biblioteca é o das ciências da informação. Depois de num primeiro momento ter funcionado como um campo de saber de carácter adjacente, as ciências da informação e a biblioteconomia em particular transformarem-se, nas últimas duas décadas, num domínio de conhecimento específico, dotado de um objeto complexo e em constante alteração, requerendo métodos flexíveis e particularmente exigentes. Para tanto, contribui, desde logo, o facto de esta área de conhecimento se ter transformado num domínio híbrido, conjugando uma forte componente humanística com uma outra, de carácter técnico. Assim se explica nomeadamente que as ciências da informação se encontrem hoje inscritas na oferta formativa das grandes universidades do mundo a nível da graduação e da pós-graduação.

Os artigos deste *Boletim* foram zelosamente coligidos e coordenados por uma bibliotecária e são, na sua maioria, assinados por pessoas que trabalham em bibliotecas universitárias. Alguns, não sendo bibliotecários de profissão, fazem das bibliotecas um objeto de pesquisa. No lugar destes últimos, encontra-se o autor destas

linhas, para quem a biblioteca tem sido um tempo e um lugar de aprendizagem inestimáveis. Neste mesmo alinhamento encontram-se ainda as Doutoradas Giuseppina Raggi, que agora consagra aos tetos da Biblioteca Joanina um importante e inovador estudo interpretativo, e a Doutora Margarida Miranda que, depois de ter concebido para nós uma memorável Exposição sobre as *Metamorfoses* de Ovídio, aqui dá testemunho escrito dos princípios que animaram o seu trabalho. Os restantes artigos ocupam-se de assuntos que dizem diretamente respeito à vida das bibliotecas, envolvendo alguns dos problemas que estas enfrentam tanto no plano das opções de fundo como no que diz respeito à sua vida corrente. O leitor que se abeirar deste conjunto de artigos pode dar-se conta da seriedade com que foram escritos. Mas pode sobretudo aperceber-se do grau de compromisso profissional que eles evidenciam por parte dos seus autores. Para além da sua natural afabilidade e do gosto genuíno de servir, os bibliotecários possuem ainda um interesse real em contribuir para que as bibliotecas continuem a ser reconhecidas como espaços essenciais na Universidade dos nossos dias. Também por isso a comunidade académica lhes deve tanto.

José Augusto Cardoso Bernardes

*(Diretor da Biblioteca Geral)*